

O ENIGMA DE PENSAR E PESQUISAR A AMAZÔNIA: A POSTURA DO PESQUISADOR

**Selomi Bermeguy Porto, Salaniza Bermeguy da Cruz Sales, Heloísa
Helena Corrêa da Silva**

RESUMO: O estudo evoca a discussão da temática da Amazônia na perspectiva da interdisciplinaridade como instrumento de pesquisa. A reflexão sobre a Amazônia no sentido de compreender seus traços que a configuram como uma região heterogênea é realizada a partir das contribuições teóricas de Silva (2004), Hardman (2009) e Pizarro (2012) que promovem uma riqueza de diálogo e informações que direcionam para novas pistas de pesquisa e produção de conhecimento amazônico que com as contribuições de Ribeiro (1999) e Ingold (2015) despertam o pensar da postura do pesquisador e os novos caminhos para a pesquisa, numa contextualização do estudo na Amazônia. A leitura combinada destes teóricos mostra que o compreender e interpretar a Amazônia estão abertos para todos os campos de conhecimento, tendo como única restrição o desprender do olhar preconceituoso e prepotente de elitizar o conhecimento amazônico como homogêneo.

Palavras-chave: Amazônia; pesquisa; conhecimento

INTRODUÇÃO

Para estudar a Amazônia é preciso estar aberto a considerar os múltiplos campos do conhecimento que contribuem para refletir sobre os processos socioculturais responsáveis pela formação civilizatória desta região. Para tanto, um olhar interdisciplinar se faz necessário uma vez que a Amazônia comporta em sua conjuntura traços históricos, literários, geográficos, antropológicos e sociológicos. É em harmonia com esta luz integrativa dos vários ramos do saber que se faz uma reflexão da Amazônia representada por uma região heterogênea quando comparada com outras regiões, assim como rica em diversidade em seus vários espaços amazônicos, distinguindo-se entre si.

É possível pensar numa Amazônia constituída por sujeitos sociais que ora se apresentam como protagonistas ora como figurantes na história da Amazônia. Neste processo de formação da Amazônia o homem interage de diversas formas com ela, moldando sua forma de existência e produção de vida, revelando sua capacidade de se adaptar as várias realidades que configuram o contexto amazônico. Assim, estudar ou até mesmo falar sobre a Amazônia não é uma tarefa fácil, uma vez que diante de suas singularidades registra-se a sua complexidade, requerendo um olhar múltiplo e um pensar complexo para então propor um diálogo com esta grande esfinge que é a Amazônia, requer, portanto, uma conduta orientada pelo olhar exploratório do novo.

Na produção de pesquisas Amazônica a postura do pesquisador tem grande influencia sobre os tipos de conhecimentos produzidos e disseminados sobre a região. É preciso termos cuidados com pesquisas direcionadas por uma visão fragmentada da Amazônia que desconsideram sua heterogeneidade e sacrificam a pesquisa em razão de métodos e técnicas usadas de forma desconexas que ofuscam o olhar crítico do pesquisador.

Vozes teóricas que refletem os traços da Amazônia de ontem e de hoje

Ao refletir sobre os processos socioculturais da formação da Amazônia encontramos contribuições teóricas de vários autores que falam sobre a temática partindo de diferentes concepções teóricas que enriquecem o arcabouço teórico amazônico. Muitos desses olhares são visualizadas por lentes diferentes, mas não conflitantes e que

contribuem para a história da Amazônia. Neste primeiro momento a Amazônia é discutida a partir de uma tessitura teórica intermediada pelas contribuições de Silva (2004), Hardman (2009) e Pizarro (2012).

Silva (2004) seguindo uma abordagem sociológica apresenta três Amazônia – a Amazônia Portuguesa, a Amazônia Indígena e a Amazônia Brasileira – que por meio desta segmentação da Amazônia nos ajuda a entender sobre o processo de ocupação, formação sociocultural e o caminhar da Amazônia.

Hardman (2009) ao examinar os ensaios de Euclides da Cunha, referente sua experiência com a Amazônia, mostra o forte desejo de Euclides de conhecer e representar literariamente a Amazônia. Assim, é possível visualizar ou pensar a Amazônia sob outra ótica, através da representação literária que Euclides da Cunha fez sobre a região amazônica.

Pizarro (2012) em sua visão literária antropológica apresenta uma Amazônia por meio de discursos dos sujeitos que tiveram experiência na região o que chama de vozes da Amazônia. Segue uma linha cronológica de acontecimentos e mostra a passagem de um pensamento hegemônico que apresentava somente uma forma de ver a Amazônia para uma forma heterogênea considerando as outras vozes que soam da Amazônia. Estas vozes estão em consonância com os períodos históricos do caminhar da Amazônia, em que os sujeitos sociais inseridos no contexto amazônico apresentavam diferentes papéis e vivências.

Os três autores expõem traços da Amazônia que estão integrado ao seu processo de colonização pelos europeus, o seu desenvolvimento e o direcionamento que a Amazônia tomou como resultado das ações passadas. Ponderando ainda sobre seus passos para o futuro.

Sobre os aspectos que influenciou a colonização da Amazônia pelos europeus, Silva (2004, p. 22-23) afirma que a “Amazônia é um dos lugares dos reajustes econômicos e políticos da Europa dos séculos XVI e XVII”, fruto da crise que os países europeus estavam vivenciando. Pontua ainda que,

“os séculos XVI e XVII correspondem, na Amazônia, a dois momentos da participação ibérica na história europeia. No primeiro, as explorações de reconhecimento físico, a

busca da riqueza fácil. É o período das expedições, dos primeiros viajantes, dos primeiros missionários. No segundo, a conquista e a colonização dão-se num quadro de disputa interna (com as populações locais, com os demais estrangeiros envolvidos) e externa (com outras nações constituídas, via equilíbrio diplomático, nas concessões de exploração de mercados)” (SILVA, 2004, p. 22-23).

A Amazônia é apreciada pela Europa como caminho para a conquista de riquezas, talismã de novas oportunidades de expansão territorial e econômica. Esse imaginário da terra de abundância de riqueza e de fácil penetração ganha o imaginário europeu que ao se lançar no desbravamento da região é surpreendido com os mistérios da selva amazônica.

O início da colonização é marcado pela luta por conquista de território, tanto entre as nações estrangeiras entre si, quanto entre europeus e povos nativos da região, sendo os verdadeiros donos da terra que já habitavam antes da descoberta europeia.

Se por um lado, o interesse europeu pela conquista de territórios amazônicos estava relacionado a interesses econômicos e políticos, por outro lado, o povo nativo apenas lutava para garantir aquilo já era seu por direito: o seu lar, sua cultura, sua liberdade, que agora estava sendo roubada por invasores que reivindicavam suas terras, sua força de trabalho, sua liberdade, suas vidas. O que se buscava nesse período era silenciar e tornar invisível os hospedeiros por meio da escravização e até mesmo do derramamento de sangue.

Sobre esse episódio da história da Amazônia Pizarro (2012) explica que o imaginário dos viajantes conquistadores e viajantes cientistas nortearam a forma de conceber a Amazônia. Neste período a Amazônia era explicada apenas na voz do discurso europeu através dos relatos de suas viagens, que era fortemente influenciado pela sua imaginação sobre a região.

A voz do outro que pertence a terra e detém do conhecimento e vivência amazônica é silenciada, negligenciada e ignorada. As vozes das populações locais não é possível encontrar no discurso hegemônico que enaltece o descobrimento e entendimento da Amazônia com olhar europeu.

A Amazônia é inventada pelo europeu que não dar espaço para o outro fazer registro de sua própria história. Ela é interpretada e disseminada sob o olhar do europeu cheio de fantasias e imaginários que distorciam a realidade da Amazônia.

Existe uma denúncia na fala de Pizarro (2012) de que a falsa Amazônia vendida pelos europeus escondia fatos significantes, mas que não eram revelados, por trás do brilho e exuberância da biodiversidade da fauna e flora, das riquezas e espaços imensuráveis, estava o sofrimento, a brutalidade, a violência com que os indígenas eram tratados, escravos em sua própria terra, eram maltratados e sujeitos às terríveis condições para sobreviver, para não morrer, precisavam se sujeitar.

Este período da Amazônia comporta o que Silva (2004) chamou de Amazônia Portuguesa que mostra o domínio político, econômico, social e cultural que era exercido sobre os povos locais da região. A voz que soava era a voz do poder (PIZARRO, 2012), os indígenas que passaram a ter contato com os brancos já estavam direta e regularmente inseridos nas relações sociais da dominação lusitana (SILVA, 2004).

Para a Amazônia, a reordenação da política colonial portuguesa traria profundas alterações ao seu espaço físico e à sua configuração histórica. É o momento da transformação da região, de unidade territorial em unidade política da metrópole, processo que encontraria seu sentido mais visível no advento da Independência (SILVA, 2004, p. 70).

Esse marco histórico de reordenação da política colonial portuguesa, dentre outros aspectos, deu início para a ocupação produtiva das terras em que a força de trabalho principal era a indígena que revela uma inversão de papéis onde os donos das terras se tornam escravos dos visitantes, não havendo alternativa já que isso era condicional para sua sobrevivência.

Registra-se a dominação europeia que busca em todos os sentidos condicionar a vida dos povos nativos dentro do seu sistema de escravização. Esse processo sempre existiu desde os primeiros contatos, mas que ganha nova conjuntura com a conquista da Amazônia.

Conquistada a Amazônia, o processo de colonização não considerou as vicissitudes da região, em especial em consideração aos povos nativos, mas buscaram a

todo custo apropria-se do espaço, dos recursos, da força de trabalho indígena, exercendo poder e domínio que não lhes pertencia.

É diante dessa vivência de imposição de poder que os primeiros habitantes da Amazônia, tiveram que enfrentar e se adaptar a vários ataques e estratégias europeias que iam desde ações políticas-econômicas à religiosa.

É preciso enfatizar que a Amazônia nunca foi uma selva vazia, já era ocupada muito antes da chegada dos europeus. Hardman (2009) contribui que “Euclides nunca acreditou na representação fácil do “vazio na selva”, com que certa ideologia colonialista e, depois, nacional-brasileira, tentou pensar na região, afastando, ao mesmo tempo, o fantasma dos genocídios ali praticados desde as primeiras entradas de europeus” (HARDMAN, 2009, p. 57).

O pensamento de Euclides leva-nos a uma reflexão das lutas que os primeiros habitantes enfrentaram ao terem de lidar com as diversas tentativas de extermínio promovida pelos europeus visando eliminar da história da Amazônia seus verdadeiros habitantes e donos da terra. Mesmo diante das atrocidades sofridas por esse povo, a perseverança e estratégias de resistência e adaptação possibilitou sobreviverem às artimanhas do intruso.

Aqui vale citar a Amazônia Indígena explicada por Silva (2004), que representa os pré-colonos, indígenas que habitavam na região muito antes da chegada dos colonizadores europeus. Que tiveram suas vidas transformadas pela ganância e egoísmo dos invasores. Que passam a se relacionar com o estranho, o desconhecido. Forçados a mudarem suas culturas, enfim seu modo de vida. Para os que não estavam dispostos a tamanho sacrifício tiveram que viver escondido e isolados em seu próprio lar, ou pagar com a vida a ter de perder sua liberdade.

No pensamento de Euclides é possível ouvir a voz dos oprimidos pelo processo da colonização. Numa narrativa dramática e poética nos impressiona com suas palavras.

[...] o tempo da luta não se marcava na cronologia de uma guerra, mas no esvaír batalhas ancestrais contínuas, sem ninguém que as reportasse; no amontoar de mortos presente, cuja duvidosa humanidade se dissipava na vida nua e crua dos seringais e na rapidez dos eventos orgânicos com que a selva encobria, de exuberância e silêncio, os seres que a noite extinguiu” (HARDMAN, 2009, p. 58).

Registra assim, o viver dos povos na Amazônia desprovidos de direito e liberdade, escravos do sistema econômico-político que os direcionava para uma vida de miséria e sofrimento.

A intensificação da exploração na Amazônia atraiu muitos imigrantes para a região principalmente no auge do seringal. Neste período, surgem outras vozes que narram a Amazônia de diferentes óticas. Para Pizarro (2012, p. 123) “o discurso da borracha, definidor da história amazônica tem na realidade várias vozes”. Aqui o período da exploração da borracha é citado para expor novos discursos que dão vida a novas vozes na Amazônia.

[...], tanto no discurso dos viajantes da conquista, como no dos viajantes ilustrados, a voz do outro somente seria passível de reconstrução, ainda assim fragmentariamente, a partir do discurso do poder, aquele que nomeia a realidade amazônica [...] estabelecendo com ela e sobre ela o poder da cidade letrada. É o caso dos conquistadores e também dos viajantes cientistas. Eles representam o poder letrado, do sistema de conhecimento dominante. Porém a partir da segunda metade do século 19, as vozes plurais podem ser rastreadas (PIZARRO, 2012, p. 157-158).

O período da borracha marca o surgimento de uma pluralidade de vozes que saem da Amazônia encontrada nos personagens amazônicos que marcam esse período histórico como os barões do caucho (voz de poder), os intelectuais (voz de denúncia), aviados e indígenas (voz do trabalhador amazônico). São vozes que falam dos mesmos acontecimentos, mas por percepções de vivências diferentes. É o que Pizarro (2012, p. 157) explica que “se antes tínhamos apenas a voz hegemônica, hoje é possível recuperar, com certa consistência, as outras vozes que narram os mesmos acontecimentos a partir de outro lugar”.

O preconceito que o espaço amazônico e seus habitantes sofrem até hoje, são heranças de sua constituição. Desde sua colonização pelos europeus a Amazônia serviu a interesses externos, hoje não tem sido muito diferente. Em escala internacional e nacional querem conduzir e direcionar o futuro da Amazônia, desconsiderando muitas vezes o homem amazônico. Projetos de integração da Amazônia e planos de desenvolvimentos criado pelo próprio Estado tem contribuído para reproduzir em muitos casos o que a

Amazônia sofreu no processo de colonização europeia, no período da borracha e tantos outros sustos ou enclaves econômicos.

Silva (2004) caracteriza esta Amazônia como Amazônia Brasileira, que representa no que ela se transformou com as iniciativas do Estado através de seus planos de desenvolvimento para a região buscando assim promover sua modernização, sem considerar sua heterogeneidade.

Para Pizarro (2012, p. 25) a Amazônia está longe de ser uma unidade homogênea, trata-se de um território de “grande heterogeneidade geomorfológica, de solos, clima e certamente de flora e fauna”, assim como compreende uma “heterogeneidade social, econômica e política”.

Pensar a Amazônia sob a ótica desta heterogeneidade citada por Pizarro (2012) é fundamental para o processo de desenvolvimento Amazônico, é nesse aspecto que consiste a crítica de Silva (2004) as iniciativas do Estado voltado para os programas de desenvolvimento da Amazônia que não consideraram as suas peculiaridades regionais.

Essa heterogeneidade citada pelas autoras vai além de seus aspectos ligados a biodiversidade fortemente reconhecida universalmente, mas refere-se também aos traços sociais, culturais, econômicos, políticos e geográficos que tornam a região tão diferente de tantas outras.

Contribuindo nesta discussão da Amazônia Brasileira, que Pizarro (2012) chama de Amazônia de hoje, explica que:

[...] o novo e complexo discurso atual, que se arma a partir da modernização resoluto dos anos 1960 e 1970, bem como da exploração do petróleo, da energia hidráulica, da industrialização das madeiras. Em sua complexidade, é patente a cicatriz da violência ostentada pela Amazônia de hoje, a superposição de interesses que espreitam com avidez sua riqueza no presente e desenham o perfil dos problemas do futuro (PIZARRO, 2012, p. 164).

A Amazônia de hoje ainda padece de exploração movido pelo egoísmo, ganância e interesse econômico. São discursos e ações disfarçadas tendo centro de interesse a busca desenfreada por riqueza. Projetos de desenvolvimento de modernização que por vezes sacrificam o viver dos povos tradicionais amazônicos movidos por visões egocêntricas e

de quem está de fora do processo e que não conhece a realidade amazônica em sua conjuntura heterogênea.

A Amazônia ainda hoje sofre intervenção externa de intrusos que insistem em dizer o que é melhor para a região, querendo nortear a vida do povo amazônico. Buscam reproduzir projetos de outras regiões nacionais e internacionais sem considerar as singularidades que tornam seus traços físicos e simbólicos distintos das outras regiões.

Sobre este pensar, Euclides já atentava ao considerar a Amazônia, como “várias terras entrecortadas e separadas pela sinuosidade labiríntica das águas, ilhas de solicitude inominadas; que forma uma multitude de raças, línguas, dialetos fronteiriços, restos de povos, arremedos de Judas, humanos que se autodestruíam vingando-se de si mesmos; [...]” (HARDMAN, 2009, p. 57 e 58).

A multitude de crenças, raças, línguas e dialetos de herança de povos tradicionais observado por Euclides da Cunha, são o que Pizarro (2012, p. 164) atribui as “vozes dos novos sujeitos sociais, que falam por si mesmos – remanescentes (descendentes) de quilombolas, grupos de sem-terra – frente a outros, que procuram definir o futuro das populações amazônicas e da região, a partir das grandes metrópoles e do exterior”.

Os tempos são outros, mas o homem amazônico continua a ter de lidar com os invasores que insistem em delinear a vida na Amazônia. Num contexto moderno, precisam lidar com outras ameaças que representam a tentativa de hegemonizar o contexto amazônico a outras realidades de espaços estranhos a sua vivência. A Amazônia ainda é vista como região frágil, atrasada, o que contribui para um pensamento interpretativo fantasioso da Amazônia por outras regiões.

Silva (2004) defende que a nacionalidade da Amazônia ainda está em marcha, apesar da Amazônia brasileira e de todos os mecanismos de integração promovidos pelo Estado nacional. O que significa dizer que existem expectativas, forças e movimentos que não estão acoplados ou totalmente subordinados na articulação dominante que mantém a região como parte do Brasil.

Pode-se dizer que tais forças e movimentos que buscam resistir ao pensamento de dominação da Amazônia, representam as vozes do inconformismo e da indignação fonte essencial para uma teoria crítica, mas que devido a tendência de um pensamento de

conhecimento de regulação e não de emancipação, essas vozes acabam sendo silenciadas (SANTOS, 2002).

É por isso que se faz tão necessário pensar na Amazônia com base na crítica pós-moderno emancipatória (SANTOS, 2002), considerando o multiculturalismo essencial para fazer emergir possibilidades de conhecimento para além da ciência moderna. Isso significa considerar a Amazônia sem tentar mascarar as culturas existentes, seus povos, modo de vida, mas sim promover o reconhecimento e valorização em sua totalidade, sem desconsiderar suas partes. Para tanto, é preciso políticas arraigadas ao multiculturalismo para reconhecimento e valorização das diferenças étnicas, raciais, culturais, sociais, econômicas e políticas existentes na Amazônia.

A imensidão e exuberância da Amazônia nos dá a escala de sua complexidade, assim, falar da Amazônia sempre será um desafio da reflexão exigente que requer um olhar multidisciplinar na reflexão sobre a contribuição das diversas áreas na busca de compreender esse “enigma verde”.

Mesmo diante de vários estudos de renomados autores, ainda fica perceptível que é insuficiente o conhecimento sobre a Amazônia, sendo ainda um campo que merece atenção e interesse para ser explorado.

Sob essa ótica, a integração das ciências, torna-se fundamental na busca de tentar olhar o passado, entender o presente e vislumbrar o futuro da Amazônia. Obras como de Silva (2004), Hardman (2009), Pizarro (2012) contribuem para a compreensão dos acontecimentos que influenciaram o processo civilizatório da Amazônia tornando-se imprescindível atentar a forma como esses teóricos realizaram suas pesquisas partindo de reflexões da antropologia, da sociologia, da literatura bem como de outros campos do conhecimento. A união multidisciplinar dessas ciências apresentam leituras dinâmicas do que é a Amazônia.

Caminhos para um novo pensar e pesquisar na ciência, com foco na Amazônia

Pode uma semente germinar em um solo endurecido? As condições necessárias para que uma semente consiga germinar e tornar uma árvore frutífera dependerá em parte

do tipo de solo onde foi plantada e dos cuidados que recebera. Um solo endurecido impedirá a germinação da semente uma vez que devido a terra está compacta não fornece espaço suficiente para o seu crescimento. Fazendo uma analogia, a semente representa o conhecimento, sendo o solo a representação do pesquisador.

O pesquisador se depara com vários obstáculos no ato de pesquisar que vai desde as questões técnicas da própria pesquisa que iremos discutir com a contribuição de RIBEIRO (1999) as questões do pensar inovador de forma a se desprender de um pensar dominante e buscar novas pistas de conhecimento, para esta reflexão traçamos um diálogo com INGOLD (2015).

Vamos começar com o que Ribeiro (1999) considera o pior inimigo do conhecimento a “terra firme”. A terra firme que se refere tem sido a forma como a pesquisa tem sido realizada por muitos pesquisadores desenvolvida numa exaustão de métodos mecanizados que funcionam como fronteira do inovar científico, do pensar instigante, do encantamento pelo novo, ficando inertes nos modelos instituídos pelo meio acadêmico.

Na produção do campo do conhecimento se desprender das sombras científicas são necessárias, elas surgem no excessivo uso de bibliografia sem conexão usadas em retalhos, em referências e teorias sem tessituras que apenas reproduzem o conhecimento já existente, sem gerar luminosidade no conhecimento.

É nesse sentido que Ribeiro (1999) faz uma crítica a esta postura do pesquisador afirmando que não há pior inimigo do conhecimento do que a terra firme. As bibliografias e procedimentos metodológicos tem seu espaço na pesquisa que precisa ser dosado e utilizado de forma coerente, sem exagero ao ponto de ofuscar a pesquisa. “É claro que não se espera de ninguém que se reinvente a roda: os autores que nos precederam deram passos formidáveis, e deles nós devemos valer para avançar. Mas é preciso que eles sejam ajudas, e não muletas” (RIBEIRO, 1999, p.190).

Para avançarmos enquanto pesquisadores é preciso inovar nos temas e na forma da escrita, ter um olhar que nos conduza a uma postura de vencer o pensamento tímido, limitado e mecânico que nos impedem a exposição ao objeto e a disposição de vivenciar novos caminhos.

É preciso esvaziar-se do conhecimento arraigado a métodos e técnicas rígidas que limitam o olhar do pesquisador ao passo que se torna necessário despertar a vontade pela busca do novo, do diferente. Nisto consiste o desafio do pesquisador de sair da zona de conforto e aguçar suas faculdades cognitivas através do exercício da inquietude do conhecimento.

Devemos alimentar um espírito aberto para o mundo. “A abertura ao mundo revela-se pela curiosidade, pelo questionamento, pela exploração, pela investigação, pela paixão de conhecer” (MORIN, 2007, p.40). Não podemos nos amedrontar diante do novo, Ribeiro (1999) diz que o susto, o pavor diante da novidade tem que despertar a vontade de inovar, de nos fazer sair do conformismo, da terra firme, do terreno conhecido que nos impede de galgar novos voos na pesquisa.

A vivência do pesquisador deve ser fonte de inspiração para o ato pesquisar, seja no deleite de uma música, na plateia do teatro, no admirar do nascer ou pôr-do-sol, no caminhar das ruas da cidade, no sentir da chuva, nos encontros casuais com amigos, no conhecer de novos lugares, na apreciação de uma comida, no vagar de seus pensamentos são experiências e vivências que podem provocar novas pistas de conhecimento.

Para inovar na forma de pesquisar e promover luz científica é preciso deixar de navegar pelo Dédalo e vagar pelo Labirinto (INGOLD, 2015). Tim Ingold em seu artigo “Dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção” propõe uma nova forma de construção do conhecimento. Por meio da reflexão realizada pela autora somos convidados a abandonarmos a quietude e buscarmos a inquietude do conhecimento.

Enquanto estivermos alienados a navegar pelo Dédalo seremos incapazes de enxergar o novo. O Dédalo é para a caminhada do pesquisador como a terra firme é para o conhecimento, inimigo do pensar criativo, da imaginação construtora de conhecimento.

O Dédalo conduz o pesquisador numa caminhada programada, sem espaço para erros e novas descobertas, “o Dédalo coloca toda a ênfase nas intenções do viajante. Ele possui um objetivo em mente, uma destinação projetada ou horizonte de expectativas, uma perspectiva a realizar, e está determinado a alcançá-la [...]. No Dédalo, a intenção é a causa, e a ação, o efeito” (INGOLD, 2015, p. 26).

Por vezes esse caminhar intencional e prescritivo é conduzido pelos procedimentos metodológicos que inibem a postura do pesquisador, ou ainda alimentado pelo medo do pesquisador de se aventurar no novo insistindo em continuar em terra conhecida. Isso porque “não obstante, o viajante intencionado, envolto no espaço de suas próprias deliberações, encontra-se ausente do mundo em si. Ele deve decidir para onde ir, mas, uma vez tendo estabelecido uma trajetória, não precisa mais olhar para onde está indo” (INGOLD, 2015, p. 26-27).

Por vezes nos encontramos assim em nossa caminhada de pesquisador, cegos em meio ao conhecimento, envolvido numa visão viciada programada para enxergar apenas aquilo que se quer. Pela prepotência de julgarmos saber o caminho perdermos preciosas pistas que poderiam enriquecer nossa pesquisa, conduzindo-nos para novos conhecimentos.

É necessário valorizarmos mais a atenção, o olhar observador, pois o processo de criação é um processo de imaginação. Nisto consiste a importância de vagarmos no caminho do labirinto, quem segue este caminho “não tem outro objetivo senão continuar, seguir em frente. Mas para fazê-lo, sua ação deve estar acoplada de modo próximo e retido com sua percepção – ou seja, um monitoramento sempre vigilante do caminho, à medida que ele vai se desdobrando” (INGOLD, 2015, p. 27).

É uma caminhada em que a atenção mais do que a intenção é primordial. O perceber, o ouvir e o sentir devem fazer parte da vida do pesquisador. A sensibilidade do pesquisador para esses aspectos possibilita enriquecer a pesquisa e fugir do Dédalo que nos prende em nosso mundo em si. A pesquisa deve ser conduzida de forma flexível, pois é sensível às mudanças à sua volta. O errar, o parar, o recomeçar e o avançar, não necessariamente nesta ordem, faz parte deste processo.

O caminhar pelo labirinto nos possibilita mergulhar na imensidão do desconhecido nos fazendo romper com práticas de domesticar o conhecimento que acabam embaçando a visão, tornando-a viciada para enxergar somente o que a mente já está programada para ver. Desenvolver um olhar de pesquisa mais sensível, curioso, inquieto ajuda a pensar em temas de pesquisas que produzem conhecimento mais abertos e ricos, só assim será possível ousar no ato de pesquisar.

Ao invés de uma mente dominante que já conhece sua vontade conduzindo um corpo subserviente, na frente vai uma imaginação que sente o caminho adiante, tentando passar por um mundo ainda não formado, trazendo a reboque uma percepção já educada nos modos do mundo e habilidosa na observação e reação as suas propiciações (INGOLD, 2015, p.32).

Quando consideramos a pesquisa na Amazônia percebemos a urgente necessidade de repensar a pesquisa nos moldes indicados por Ribeiro (1999) e Ingold (2015). É preciso deixar de sermos conduzidos por uma mente dominante para uma imaginação liberta que nos impulse a desbravar novos conhecimentos.

Por vezes estamos fechados em nosso mundo, tentando fazer pesquisa numa bolha de regras e manuais de conhecimentos disciplinares que nos condiciona a uma postura de restrição com outras áreas do conhecimento promovendo o que Morin (2007) denomina de hiperespecialização que condiciona o pensamento do homem impossibilitando o olhar para novas possibilidades.

A história da Amazônia ainda está em construção e o homem tem papel fundamental na escrita desta história. Nesta escrita continuada da história da Amazônia é preciso romper com o conhecimento em campos restritos, nisto consiste a base para estudar a Amazônia. Somos convidados a participar do tecer da teia do conhecimento amazônico formada pelas contribuições dos vários campos do conhecimento que no campo da interdisciplinaridade e multidisciplinaridade afloram a riqueza do pesquisar na Amazônia.

A Amazônia é um bem que precisa ser defendida, valorizada e respeitada não apenas pelos amazônicos, mas por toda a humanidade uma vez que sua contribuição e influencia transcende seus espaços fronteiriços, trata-se de uma questão planetária ligada à vida.

Nisto afirmamos que a principal arma de defesa da Amazônia é o conhecimento em suas variadas formas. O poder está sob o domínio dos intelectuais. A seu tempo Euclides já tinha a visão de que o destino do planeta estava relacionado à região amazônica (HARDMAN, 2009). Pizarro (2012) também atribui que a região assume uma área fundamental nas perspectivas futuras para a humanidade uma vez que guarda maior biodiversidade do planeta e os recursos minerais essenciais para o desenvolvimento energético e ressalta que se trata de um território que ainda está por ser conhecido.

Assim, a Amazônia representa hoje um grande enigma que desperta o interesse de muitos pesquisadores na tentativa de desvendá-la. Na verdade, estudar a Amazônia é se desprender de preconceitos, é estar aberto a aprender, pois trata-se de uma esfinge a ser desvendada, descoberta e interpretada. Se é que isso é possível em sua plenitude.

O seu estudo não pode se limitar a um campo isolado do conhecimento, ela está aberta para todas as ciências, conhecimentos e saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa na Amazônia precisa considerar sua heterogeneidade tanto no que se refere sua biodiversidade que revela sua riqueza de fauna, flora, minerais e espaços geográficos quanto em seus traços étnicos, culturais, racial, sociais e econômicos.

Um olhar disposto a conhecer a região, despreendido de preconceitos e de um pensamento hegemônico guiado por uma mente bitolada precisa incorporar a postura dos novos pesquisadores. Se não, o resultado é a camuflagem da realidade e a produção de conhecimentos fragmentados e medíocres fruto de pesquisa guiada por uma mente preconceituosa, fechada e disciplinar.

O caminhar da pesquisa na Amazônia não pode ser restrito de um campo de conhecimento exclusivo e nem direcionado por uma rigidez de métodos e técnicas que estreitam o pensar do pesquisador. É necessário um olhar que ultrapasse as lentes dos modelos instituídos que permita buscar o novo, o desconhecido que direcione para novas pistas do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança de Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: UNESP, 2009.

INGOLD, Tim. **O Dédalo e o Labirinto**: caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 4ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RIBEIRO, Renato Janine. **Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme**. Tempo Social; Ver. Sociol. USP, São Paulo, 11 (1):189-195, maio de 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz da Amazonas**. Manaus: Valer, 2004.